



Aspectos da História Natural no segundo discurso de J. J. Rousseau: possibilidades e condições

Fabrina Moreira Silva¹

Resumo

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) foi um filósofo genebrino, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 - 1788) foi um naturalista, matemático e escritor francês. Apesar de Rousseau ter nascido em Genebra, parte da sua vida adulta tem passagem por Paris, no qual pode entrar em contato com os filósofos iluministas pertencentes ao movimento enciclopedista, bem como os historiadores naturais como Buffon, publicando os três primeiros volumes dos quarenta e quatro volumes da sua obra intitulada História natural, geral e particular. Rousseau escreveu a um concurso na Academia de Dijon uma obra intitulada Discurso sobre a origem da desigualdade em 1753, quatro anos após a publicação inicial desta obra de Buffon. A teoria da geração por pré-formação considera o conceito de evolução ou desenvolvimento, como um simples acréscimo de partes distintas do qual o conjunto constitui o corpo. Não há transformação por completo de elementos do embrião à fase adulta. Nessa pré-formação existe um único elemento de origem, ou uma idéia da pré-existência, que já desde sempre existe como embrião pré-formado dentro do ovo. Essas idéias foram sustentadas ao longo de quase todo o século XVIII.

Palavras-chave: Rousseau. Pré-formação. Desenvolvimento.

¹ Possui graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Taubaté (2002), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-SP, coordenadora de Ciências Humanas do NEAD - Núcleo de Educação à Distância e professora auxiliar da Universidade de Taubaté, pesquisadora da Universidade de Taubaté, pesquisadora - Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção e professora titular de cargo em Filosofia - Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Recebimento: 15/08/2011 • Aceite: 25/10/2011

Aspects of Natural History in the second speech of J. J. Rousseau: possibilities and conditions

Abstract

Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778) was a Genevan philosopher, writer, political theorist and composer musical autodidact. Georges-Louis Leclerc, Comte de Buffon (1707 - 1788) was a naturalist, mathematician and writer French. Although Rousseau was born in Geneva, part of his adult life has passed through Paris, where you can contact the Enlightenment philosophers belonging to the movement encyclopedist and natural historians as Buffon, publishing the first three volumes of forty-four volumes of his work entitled natural History, general and particular. Rousseau wrote in a competition at the Academy of Dijon a work entitled Discourse on the Origin of Inequality in 1753, four years after the initial publication of this work of Buffon. The theory of generation by preforming considers the concept of evolution or development, as a simple addition of separate parts which constitute the whole body. There is no complete transformation of elements of the embryo to adulthood. In this pre-training single element of origin, or an idea of pre-existence, has always already exists as preformed embryo inside the egg. These ideas were sustained throughout almost the entire eighteenth century.

Keywords: Rousseau. Pre-training. Development.

Introdução

É lícito tentar encontrar aspectos da história natural no segundo discurso de Rousseau? Aspectos estes que o aproximaria a um estudo de historia natural, em especial ao Buffon.

O literário suíço Jean Starobinski afirma que sim. Em uma exposição apresentada por Starobinski no Colóquio de Paris, em outubro de 1968, ele comenta que apesar da intenção que anima tanto Rousseau como Buffon serem de natureza distinta, apesar dos temperamentos dos autores serem demasiadamente diferente para que se tenha

considerado oportuno confrontar, vale a pena o esforço de encontrar em Rousseau aspectos da história natural de Buffon, pois, “Rousseau não apenas buscou na História natural todo arsenal de fatos e de provas em apoio de suas próprias teorias”, como também “encontrou em Buffon uma imagem apropriada da condição humana” (STAROBINSKI, 1991, p.331).

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) foi um filósofo genebrino, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 - 1788) foi um naturalista, matemático e escritor francês. Apesar de Rousseau ter nascido em Genebra, parte da sua vida adulta tem passagem por Paris, no qual pode entrar em contato com os filósofos iluministas pertencentes ao movimento enciclopedista, bem como os historiadores naturais como Buffon.

Buffon publicou em Paris 1749 os três primeiros volumes dos quarenta e quatro volumes da sua obra intitulada *História natural, geral e particular*. Rousseau escreveu a um concurso na Academia de Dijon uma obra intitulada *Discurso sobre a origem da desigualdade* em 1753, quatro anos após a publicação inicial desta obra de Buffon.

Rousseau por sua vez, só não ganha, como também é desclassificado do concurso. O tema da desigualdade e Genebra é um exemplo por excelência para mostrar o que seria uma sociedade equilibrada com a liberdade e igualdade. Entretanto esta é uma opinião bastante diversa de d’Alembert, um dos principais enciclopedistas, que escreveu o verbete sobre Genebra na *Encyclopédie*. Rousseau se enfurece sobre o verbete de Genebra e sua reação foi retratar nas primeiras linhas do 2º Discurso a sua Genebra, fazendo-lhe um elogio, mas ao mesmo tempo, também uma crítica. Rousseau faz uma dedicatória à Genebra, e no 1º§

é tecido um elogio, afirmando ser Genebra o exemplo menor de desigualdade. Um desacordo é instalado com os enciclopedistas e com o artigo Direito Natural de Diderot, pois para Rousseau a sociedade só pode ter nascido de uma convenção; é o postulado oposto ao da escola do direito natural.

Rousseau tinha um espírito desejoso de provar que o sistema social dos europeus civilizados não é o único, nem é o melhor, e que é o produto de uma história corrupta (STAROBINSKI, 1991, p. 331).

Rousseau faz intervir um afastamento considerável entre o homem primitivo e o europeu civilizado. Esse afastamento só pode ser explicado por uma história que altera e transforma, se não a própria natureza do homem, ao menos sua constituição. Ao contrário de Buffon que recusa a visão evolutiva da história humana. A verdade do homem que Rousseau persegue, escapa a uma perspectiva histórica, ela é da ordem natural.

Em seguida, logo no prefácio, Rousseau afirma que a história humana é a história da desigualdade e para conhecer a desigualdade é preciso questionar o que é o homem. Tarefa nada fácil afirma Starobinski, pois quando Rousseau fala da dificuldade que se experimentou ao desenhar o originário e o factício, teria sido precedido e guiado por Buffon.

Segundo Rousseau o que nós temos é este homem histórico, e como então conhecer o homem natural?

É nesse ponto que justamente Rousseau recorre à Buffon para tentar responder a esta questão². Rousseau escreve no prefácio que desde os seus primeiros passos, ele se apóia, confiante, em uma dessas

²² Rousseau citando Buffon: “O homem selvagem é... de todos os animais o mais singular, o menos conhecido e o mais difícil de descrever [...]. Um selvagem absolutamente selvagem... (seria) um espetáculo curioso para o filósofo, (...) que talvez visse claramente que a virtude faz parte do homem selvagem mais do que homem civilizado, e que o vício só teve origem na sociedade” (STAROBINSKI, 1991, p. 331).

autoridades respeitáveis para os filósofos (ele fala aqui de Buffon), porque elas vêm de uma razão sólida e sublime que só eles sabem encontrar e sentir. Logo em seguida faz uma nota se referindo a Buffon.

Qualquer que seja o interesse que tenhamos por nos conhecer a nós mesmos, não sei se não conhecemos melhor tudo o que não se refere a nós. Providos pela natureza de órgãos unicamente destinados à nossa conservação [...], demasiadamente ocupados em multiplicar as funções dos nossos sentidos, raramente fazemos uso desse sentido interior que nos reduz às nossas verdadeiras dimensões, e que separa de nós tudo quanto não está em nós. [...] Perdemos o hábito de empregá-la, ficando ela sem exercício no meio do tumulto das nossas sensações corporais e consumindo-se pelo fogo das nossas paixões. O coração, o espírito, os sentidos, tudo trabalhou contra ela. (ROUSSEAU apud BUFFON, 1973, p. 285-6)

Os efeitos nefastos da paixão aparecem, portanto, como as conseqüências de uma reflexão infeliz que cobiça satisfações sem nenhuma relação com as necessidades naturais do indivíduo. Rousseau aplica ao homem da natureza a descrição que Buffon propunha do equilíbrio feliz do desejo animal, afirmando que

Os animais não estão de modo algum sujeitos a todas essas misérias; não buscam prazeres onde não pode haver: guiados apenas pelo sentimento, não se enganam jamais em suas escolhas; seus desejos são sempre proporcionais ao poder de gozar, e não gozam senão tanto quanto sentem. O homem ao contrário, querendo inventar prazeres, não fez mais que estragar a natureza; querendo forçar-se sobre o sentimento, não faz mais do que abusar de seu ser, e cavar em seu próprio coração um vazio que nada, em seguida, é capaz de preencher (STAROBINSKI, 1991, p. 337).

Quando Rousseau fala de natureza, é para opô-la à sociedade civilizada de seu tempo: a noção de natureza é uma arma crítica contra os valores aceitos pela sociedade. Ao contrário de Buffon, que afirmava: “a natureza fez o homem racional e que o incita a civilizar-se”

(STAROBINSKI, 1991, p.330). A história, com efeito, não aparece para Buffon como uma aventura livre e arriscada; nela reconhece a sucessão das etapas através das quais o homem emprega cada vez melhor seus poderes nativos até dispor soberanamente de todas as riquezas naturais.

A civilização, para Buffon, é portanto, a realização normal da humanidade do homem, não havendo portanto, em Buffon, oposição marcante entre o estado de natureza e o estado de civilização. Em Rousseau, em compensação, o afastamento entre esses dois estados é quase tão considerável quanto entre o homem e o animal.

Mesmo sabendo das diferentes intenções, Starobinski afirma que é preciso comparar Rousseau e Buffon para destacar as semelhanças e divergências quanto à concepção sobre a natureza humana.

Na introdução as notas de Rousseau ao *Discurso sobre a desigualdade*, Paul Arbousse-Bastide (1991) na intenção de precisar e descobrir em função de que nível de cultura ele emitiu sua teoria, comenta que de todos os autores citados por Rousseau, o que mais aparece é Buffon, em transcrições de trechos inteiros de sua obra História Natural.

Segundo Starobinski a História natural do homem para Rousseau constitui um precedente particularmente precioso, pois, encontra em Buffon um estudo naturalista do homem. Pode-se afirmar que esta concepção naturalista significa fazer um estudo da natureza humana “longe de toda consideração teleológica” (STAROBINSKI, 1991, p.331).

Para entender a exclusão da teleologia na explicação naturalista de Buffon, devemos percorrer um pouco a discussão acerca da teoria da geração dos seres vivos no século XVIII.

Tentar entender como a vida se forma e se transforma no devir é um desafio que tem origem na filosofia grega e, ainda hoje, se esbarra com questões que a própria biologia contemporânea não compreende. Dentro desse amplo tema que é a geração dos seres vivos, a questão central que se coloca, então, é de se saber como o debate acerca dos conceitos de desenvolvimento e evolução forma para Rousseau um solo fértil para as suas considerações acerca do entendimento das condições do homem natural. O entendimento do homem natural longe das considerações teleológicas incide justamente no afastamento das teorias pré-formacionistas da geração dos seres vivos. Recapitularemos brevemente o debate no final do século XVIII sobre a teoria da geração dos seres vivos, para entender como Buffon elimina a teleologia das suas explicações acerca das condições humanas. Entender a geração dos seres vivos é uma condição determinante para compreender a diversidade e pluralidade dos seres vivos e consequentemente do homem em relação aos outros seres vivos. Um problema apontado pelo epistemólogo G. Canguilhem nos leva justamente a entender a mudança de perspectiva sobre a teoria da geração dos seres vivos. Canguilhem se pergunta como os conceitos de desenvolvimento e evolução, que etimologicamente eram sinônimos, passaram a significar para os naturalistas do final do séc. XVIII o oposto do que significavam para os embriologistas do início de séc. XIX?

Este problema é central para compreender a mudança de perspectiva no debate dos historiadores naturais do século XVIII como Buffon, Geoffroy Saint-Hilaire, Woff, entre outros.

Na filosofia ocidental, sabe-se que o primeiro a sistematizar de forma consistente uma teoria da geração foi Aristóteles, introduzindo a idéia

de geração espontânea e o conceito de *epigênese* no seu sistema metafísico. Nesse sistema, Aristóteles segundo Canguilhem, classifica os animais pela forma com que eles se reproduzem; então, a reprodução era a referência para a classificação dos seres vivos. É preciso classificar e agrupar para depois conhecer as suas variações. Entretanto, a diversidade das espécies seria incomensurável e, portanto, traria grandes problemas para a ciência da classificação e, conseqüentemente, para a ciência da geração.

Face à diversidade da vida, às vezes, se torna mais fácil começar conhecendo aquilo que é diferente, anormal, monstruoso, do que começar por sistematizar e categorizar o que é considerado normal, abundante e semelhante fisicamente. Normalmente, o espaço limítrofe ocupado pelos conhecidos ‘monstros’ da natureza, pertence àquelas espécies vivas que se diferenciam por demais das outras, como o é no caso dos paramécios. Esse é apenas um de muitos outros casos inexplicáveis de anormalidades na natureza.

Explicar os fenômenos considerados ‘monstruosos’, por oposição aos fenômenos normais, já estava presente, diz Hankins, na “Explicação Detalhada do Sistema do Conhecimento Humano”, na *Encyclopédie*, que dividia toda história natural entre a “ordem da Natureza” e os “desvios da Natureza”. As descobertas desses animais e de experimentos com os mesmos, levaram à criação de teorias extremamente materialistas, como é o caso da de Maupeituis, que “procurava nos desvios da natureza aprender mais sobre o mecanismo da geração.” (HANKINS, 1985, p. 139)

³ A respeito dessa antiga idéia de epigênese, Canguilhem explica que, para cada estrutura em via de constituição, podia-se dizer o que ela é, a todo o momento, por referência à anatomia ordinária. As categorias anatômicas eram anteriores apenas logicamente à geração. O acréscimo (ou crescimento) acontecia por justaposição. (Canguilhem, 1962, p.5)

A teoria da geração por pré-formação considera o conceito de evolução ou desenvolvimento, como um simples acréscimo de partes distintas do qual o conjunto constitui o corpo. Não há transformação por completo de elementos do embrião à fase adulta; há somente um acréscimo de “moléculas orgânicas”, como diria Buffon, ou uma simples explicação mecânica da matéria. Nessa pré-formação existe um único elemento de origem, ou uma idéia da pré-existência, que já desde sempre existe como embrião pré-formado dentro do ovo. Essas idéias foram sustentadas ao longo de quase todo o século XVIII.

O século XVIII foi marcado pela filosofia mecanicista da complexidade e harmonia da obra da criação, de maneira que, dentro desse contexto, o conceito de evolução se encontra em harmonia com a ideia mecanicista segundo a qual toda a geração é explicada de forma física, cujos elementos estão justapostos e não originariamente organizados em totalidades, como afirmara Buffon.

Para Starobinski, No *Discurso sobre a natureza dos animais* (1753), segundo um dualismo herdado de Descartes e mantido pela comunidade da exposição, Buffon se propõe descrever o mais justamente possível as operações de que é capaz a matéria organizada, apenas em virtude das leis mecânicas da natureza.

Buffon não é transformista; se admite uma certa evolução, é sob a forma da degenerescência, e em um quadro restrito, no interior de algumas espécies que a domesticação modifica. Buffon atém-se a uma imagem fixista da natureza em que as espécies coexistem de toda antiguidade uma ao lado das outras.

Entretanto, as últimas palavras escritas em seu trabalho intitulado *Sur les Monstres*, são de grande demonstração de dúvida referente à negação de que Deus teria criado então monstros. Esta é uma questão que Buffon não responde, mais deixa indicado o problema de conciliar a pré-formação e a teratologia (BUFFON, 1749, p. 582).

A explicação teleológica implica em uma explicação teológica, que por sua vez circunscreve a teoria pré-formacionista da geração dos seres vivos. Talvez seja por isso que Buffon não conseguiu conciliar ambas as explicações. Excluir a teleologia da sua teoria significa dar um aspecto biologicamente material à condição humana. As considerações teleológicas concorrem para provar que o gênero humano é composto de espécies, criadas por Deus, essencialmente diferentes entre si.

Podemos de certa forma aproximar a concepção da natureza humana de Buffon e Rousseau, ou seja, o que Starobinsk chamou de condição do homem natural. A condição do homem natural é dada através de uma explicação mecanicista e fixista do homem. A variedade das espécies é explicada através de mudanças causadas pelo ambiente. Assim, segundo Starobinski, “a resistência de um Buffon, melhor que qualquer outro documento, dá perfeitamente a medida da audácia especulativa do *Discurso sobre a desigualdade*” (STAROBINSKI, 1991, p. 339), na medida em que tenta conjecturar sobre o homem no seu estado de natureza.

Referências

- CANGUILHEM, G. **Du développement à l'évolution au XIX siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- HANKINS, T. L. **Science and the enlightenment**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1995.
- BUFFON. **Sur les monstres, Histoire naturelle**. Supplement, Tome Quatrième, 1749. p. 578-582.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Coleção Os Pensadores – Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo** - seguido de sete ensaios sobre Rousseau. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.